

**DIA DE FINADOS**

Detalhe de O último sono de Artur, pintura de Edward Burne-Jones. (Reprodução/Wikipedia)

A MORTE E O CRISTÃO

Por Naiara Pontes/PASCOM

No início de novembro, celebramos duas festas muito importantes para os cristãos: dia de todos os santos (1º de novembro) e dia de finados (2 de novembro). Na comemoração de Finados, como costuma acontecer todos os anos, os cemitérios vão encher-se de gente visitando os túmulos dos falecidos, deixando flores ou algum outro sinal do afeto e da saudade que continuam a unir quem segue vivendo com quem já não está mais aqui. Dia de reflexão, de procura de respostas para as muitas interrogações que a vida e a morte suscitam.

Nós, como fiéis católicos, somos convidados, nessa ocasião, a manifestar a fé da Igreja no que diz respeito à vida e à morte. Qual é a luz especial que nossa fé traz para iluminar esse lado da existência, sobre o qual pairam tantas dúvidas? As respostas da fé cristã são muitas e luminosas.

Pensar na vida eterna, para um cristão, não é um exercício de espiritismo, nem uma entrega à ilusão do irreal em busca de um consolo fácil. É meditar nas

palavras de Jesus Cristo sobre a vida futura de cada pessoa. É levar em consideração que, junto à nossa realidade visível e finita, há outra invisível, mas não por isso menos certa.

Deus nos chama à vida por um ato de bondade e benevolência. Não é o homem quem dá a vida a si mesmo: recebe-a. Por isso, acolhemos com profundo respeito e gratidão a vida que temos e também a vida do próximo. Devemos zelar o melhor que podemos pela vida, pela qual deveremos prestar contas a Deus.

Nossa fé nos fala da morte corporal: ela pertence à presente ordem da realidade, na qual tudo ainda é precário e provisório; não vivemos a realidade definitiva de nossa existência, mas caminhamos para ela. Para além da morte corporal, existe o Deus da vida, não sujeito às realidades precárias deste mundo. Ele nos chama a si, a confiar nele, para recebermos dele o dom da vida eterna e da felicidade plena.

“Creio na ressurreição da carne e na vida eterna” – assim professamos no Credo da Igreja. Nossa fé não se refere apenas à

sobrevivência da alma espiritual; a expressão “ressurreição da carne” fala da pessoa na sua inteira condição humana. Quando São João afirma, no prólogo de seu Evangelho, que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), isso significa que o Filho eterno de Deus assumiu nossa condição de “carne”, ou seja, sujeitou-se à precariedade deste mundo e se fez solidário conosco.

Nossa fé na ressurreição da carne baseia-se na fidelidade de Deus a si mesmo e à sua obra; Deus não nos chamou à vida para nos descartar em seguida, mas para que possamos ter vida em plenitude. E o Filho de Deus, Jesus Cristo, viveu “na carne” e passou à vida glorificada através da ressurreição “da carne”; Ele é a garantia da vida futura glorificada também para nós, que continuamos a viver na presente precariedade da existência.

Não tenhamos receio de afirmar nossa fé no Dia de Finados e de dizer, como o justo Jó: “Eu creio que o meu Redentor vive e que, por fim, ele se levantará sobre o pó... E com meus olhos eu verei a Deus” (Jó, 19, 25-27). •

Sugerimos um decálogo para viver de maneira proveitosa o Dia de Finados:

1. Reze (não só no dia de Finados, mas todos os dias) por aqueles que precederam você no caminho da vida. O que você é, e talvez o que você tem, também deve a eles.

2. Saboreie, sempre que puder, a paz e a calma de um cemitério. Isso o ajudará a relativizar o gosto excessivo pelo que é superficial e, sobretudo, o levará a viver lembrando o que é realmente necessário.

3. Tenha respeito pelos defuntos. Se forem incinerados, guarde suas cinzas no cemitério.

4. Não se esqueça de que a Missa é sufrágio – pela Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo – pelos fiéis defuntos. Uma Missa, além de ter um valor infinito, é oferenda e comunhão, é súplica por aqueles que precisam de um último empurrão para o encontro com o Pai.

5. Seja respeitoso diante da morte de um ente querido. Evite exageros. A virtude está no equilíbrio, e a morte é morte, ainda que queiramos enfeitá-la.

6. No aniversário de falecimento de um ente querido, a melhor forma de honrá-lo é a nossa presença na comunidade cristã.

7. O cemitério, entre outras coisas, é a cidade dos que dormem com a esperança de ressuscitar. A cruz, uma imagem de Maria ou dos santos nos sugerem que, por trás de um túmulo, há lábios que professaram a fé em Cristo até o último dia. Não permitamos que o secularismo invada tudo.

8. Guarde as boas lições recebidas daqueles que partiram: sobre a vida, a fé, a Igreja, a sociedade, a família. Esqueça tudo aquilo que lhe pareceu pouca virtude neles. Deus, como Pai, saberá o que é trigo ou joio no seu caminho.

9. Agradeça a Deus pelos seus defuntos. Pergunte-se se você viveu à altura enquanto eles estavam vivos.

10. Lembre-se da fé dos seus pais. Professe-a. Conserve-a. Não permita que a foice do relativismo corte aqueles valores que o tornam invencível, forte, eterno. Não permita que os que afirmam que “Deus não existe” consigam lhe convencer do que, na verdade, é passageiro: o mundo e suas vitrines, risinhos, mas perecíveis.

(Javier Leoz)

VOCÊ SABIA?

* A palavra sínodo vem do grego e quer dizer “caminhar juntos”. Um Sínodo é um encontro religioso ou uma assembleia de bispos reunidos com o papa, que tem a oportunidade de intercambiar informações e compartilhar experiências, com o objetivo comum de buscar soluções pastorais que tenha validade e aplicação universal.

* O Sínodo é uma instituição permanente, criado pelo papa Paulo VI, em resposta aos desejos dos Padres do Concílio Vaticano II, para manter vivo o espírito de colegialidade nascido da experiência conciliar. No último dia 19 de outubro, o papa Francisco beatificou o Papa Paulo VI.

* O primeiro Sínodo após o Concílio Vaticano II foi em 1967 e teve como tema “Preservação e fortalecimento da fé católica, sua integridade, sua força, seu desenvolvimento, sua coerência doutrinal e histórica”. Dentre os muitos temas debatidos estava a revisão do Código de Direito Canônico, que era de 1917. Tinham o desejo e a necessidade de fazer um Código mais pastoral e atual. Tal trabalho foi iniciado pelo papa Paulo VI e só terminou sob o pontificado de São João Paulo II, com a promulgação em 1983 do Código de Direito Canônico revisado.

* Já um Concílio também é uma reunião de bispos, porém, com uma distinção importante: o concílio se refere a uma reunião de todos os bispos do mundo, enquanto o sínodo se refere a uma reunião representativa de bispos. Os concílios decidem, os sínodos aconselham, com a finalidade de mostrar à Igreja os bons caminhos que ela é chamada a percorrer.

MUNDO

O SÍNODO DOS BISPOS

Por Carlos Cesar/PASCOM

Fonte: Cleofas Editora



“Como fazer a Igreja ser uma mãe amorosa e, ao mesmo tempo, uma professora exigente?”

Aconteceu, de 5 a 19 de outubro passado, o Sínodo dos Bispos que teve como objetivo a reflexão, o diálogo e a escuta em torno de um assunto relevante. Desta vez, o Sínodo teve como lema “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”. Nunca um Sínodo atraiu tanto a atenção dos meios de comunicação e das pessoas, católicas ou não, como este Sínodo da Família. Como disse o padre e jornalista norte americano Thomas Reese, os bispos estavam diante de um conflito profundo. Este padre colocou a seguinte pergunta: “Como fazer a Igreja ser uma

mãe amorosa e, ao mesmo tempo, uma professora exigente?” Certamente essa pergunta é um desafio atual e permanente.

Bispos representantes do mundo inteiro, cardeais, padres, religiosos, pais e mães de família e outros convidados dialogaram, trocaram experiências e expuseram suas realidades, tentando encontrar soluções e melhores abordagens para os questionamentos que constantemente batem à porta. A partir dos diferentes lugares e diferentes modos de pensar e viver a realidade, a Igreja procura cumprir a missão recebida por Cristo, e, através deste Sínodo, tal missão passou por partilhar a diversidade de vivências, que muito contribuem para perceber melhor as respostas que o Espírito Santo inspira.

Neste encontro, o papa quis manter-se firme na escuta, sem interferir pessoalmente nas discussões, justamente para deixar o espaço para liberdade de expressão

a cada um ali presente. Fortes são as suas palavras na abertura e no encerramento do Sínodo. Na homilia de abertura ele lembrou aos bispos que “também nós somos chamados a trabalhar para a vinha do Senhor... As assembleias sinodais não servem para discutir ideias bonitas e originais, nem para ver quem é mais inteligente. Servem para cultivar e guardar melhor a vinha do Senhor, para cooperar no seu sonho, no seu projeto de amor a respeito do seu povo. Neste caso, o Senhor pede-nos para cuidarmos da família, que, desde os primórdios, é parte integrante do desígnio de amor que ele tem para a humanidade”. O papa ainda completou dizendo que “o sonho de Deus sempre se embate com a hipocrisia de alguns dos seus servidores. [e por isso] podemos ‘frustrar’ o sonho de Deus, se não nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo”. Este é o desafio contínuo da Igreja, mas também sua garantia: deixar-se guiar



“Mesmo com essas tentações e limitações, a Igreja não foge da sua missão de anunciar a verdade de Cristo, e, com este Sínodo, uma das grandes preocupações foi justamente como melhor anunciar essa verdade no contexto das famílias, marcadas atualmente pela diversidade.”

pelo Espírito Santo, sem medo das novidades de Deus. Nesta ocasião, os participantes do Sínodo debateram temas de extrema relevância para a ação evangelizadora de Igreja: casais em segunda união, uniões de pessoas do mesmo sexo, a evangelização da família, ação da pastoral familiar e outros temas nessa mesma linha. Os bispos aprovaram um texto final que sintetiza todas essas discussões nas duas semanas dos longos debates. Vale a pena buscar o texto final para lê-lo e compreendê-lo melhor.

De fato, o sínodo procurou fazer jus àquilo que ele significa etimologicamente: caminhar juntos. Porém, como em todo caminho, há sempre dificuldades, tropeços, passos mais apressados, outros mais lentos, mas o que não se pode perder é o espírito de

peregrino que caminha rumo à Pátria Definitiva, à sombra dos cuidados de Deus e da assistência do seu Santo Espírito.

O papa, consciente dessa realidade, mencionou, em seu discurso final, que, justamente por se tratar de um caminho de homens e mulheres limitados, há tentações, tensões e pecados que podem atrapalhar a caminhada. Francisco resumiu bem essas dificuldades e tentações presentes na caminhada da Igreja. Suas palavras são para nós uma boa oportunidade de reflexão.

A primeira tentação, diz o papa, é o do endurecimento hostil, ou seja, “o desejo de se fechar dentro daquilo que está escrito (a letra) sem se deixar surpreender por Deus, pelo Deus das surpresas (o espírito) (...). Desde a época de Jesus, é



Fonte: STEFANO RELLANDINI/REUTERS

a tentação dos zelantes, dos escrupulosos, dos cautelosos e dos chamados – hoje – ‘tradicionalistas’, e também dos intelectualistas.”

A segunda tentação que ele aponta é aquela que, em nome de uma misericórdia enganadora, liga as feridas sem antes curar e medicar, que trata os sintomas e não as causas e as raízes. “Essa é a tentação dos temerosos e também dos chamados ‘progressistas’ e ‘liberalistas’”.

A outra tentação é a de “transformar a pedra em pão para interromper um jejum prolongado, pesado e doloroso (cf. Lc 4, 1-4).” O papa continua dizendo que também há a tentação de “transformar o pão em pedra e lançá-la contra os

pecadores, os frágeis e os doentes (cf. Jo 8, 7)”, ou seja, de transformá-lo em “fardos insuportáveis” (Lc 10, 27).

As duas últimas tentações enumeradas pelo papa consistem na tentação de descer da cruz, “para contentar as massas, e não permanecer nela, para cumprir a vontade do Pai” além da tentação de descuidar do depósito da fé, “considerando-se não guardiões, mas proprietários e senhores ou, ainda, a tentação de descuidar a realidade”.

Mesmo com essas tentações e limitações, a Igreja não foge da sua missão de anunciar a verdade de Cristo, e, com este Sínodo, uma das grandes preocupações foi justamente como melhor anunciar essa verdade no contexto das famílias, marcadas atualmente pela diversidade.

Tendo acompanhado os debates e desdobramentos deste Sínodo, que culminará num outro Sínodo no próximo ano, nós, como Igreja, temos esse tempo para maturar e discernir as ideias propostas, procurando encontrar soluções concretas para tantas dificuldades e tantos desafios que as famílias – as nossas famílias – enfrentam cotidianamente. Como concluiu e pediu o Santo Padre, que a Igreja, portanto, todos nós possamos “dar resposta aos numerosos motivos de desânimo que envolvem e sufocam as famílias”. •



Bispos reunidos com Papa Francisco.

Fonte: Arquidiocese de Brasília

ACONTECEU

DESCOBRINDO NOVOS MARES

Por Stella Junqueira/PASCOM/PJ



Alguns crismandos presentes no Encontro. Fotos: Flávia Santos-Catequese.

Aconteceu nos dias 17, 18 e 19 de outubro mais uma edição do Retiro da Pastoral Jovem. O 12º RPJ contou com o envolvimento de 80 pessoas, entre participantes e trabalhadores. Com o tema “Descobrir Novos Mares”, o retiro incitava a pergunta “onde se encontra ou para onde está indo o barco da minha vida?” e oferecia todas as ferramentas para que

os jovens pudessem procurar uma resposta.

Foi um final de semana muito emocionante em que os participantes puderam experimentar o amor de Deus em todos os momentos. Jovens que estavam se sentindo sozinhos puderam encontrar ali o carinho e a esperança para sempre acreditar que Deus é maior na vida deles. •

“Há um ano, fiz esse retiro, e ele mudou a minha vida. Eu estava afastada da igreja, sem rumo, acreditando que o mundo era o caminho e que as coisas que ele prega eram o ideal para minha vida. Em um belo dia, resolvi ir à missa na Paróquia Nossa Senhora da Esperança, Paróquia que eu não frequentava. Assisti à missa e, no final, ouvi o chamado de um jovem. Ele dizia que não conhecer ninguém não era o problema, que falta de tempo não era problema, que era Deus que estava chamando a gente naquele momento. Isso me tocou, e eu resolvi atender a esse chamado. Fui ao 10º RPJ, “Chamados à alegria”, e uma alegria contagiante tomou conta de mim. Depois desse retiro, no qual fui superbem acolhida por todos da Pastoral Jovem, nunca mais me afastei da Igreja, pelo contrário, cada dia que passava, eu tinha mais vontade de dedicar meu tempo às atividades da Igreja. Com o passar do tempo, minha família, que não vai à missa com frequência, começou a

questionar esse serviço, que, segundo eles, era exagerado. No 11º RPJ, eu trabalhei e pedi para Deus me ajudar a superar essa dificuldade, que era enfrentar minha própria família, as pessoas que mais amo. E depois do retiro, nunca mais ouvi nenhum questionamento. Foi incrível pra mim. Isso só fortaleceu a minha fé. Assim como os anteriores, o 12º RPJ fez a diferença na minha vida. Mais uma vez me dediquei ao serviço de trazer mais jovens para a Igreja e, dessa vez, pude contar com um membro da minha família participando. Uma pessoa que estava precisando muito de um momento com Deus, que aceitou o chamado sem ter a certeza do motivo, mas que viveu um momento incrível. Então, tendo tudo isso em vista, eu só posso agradecer a Deus pela minha vida, por Ele ser tão bom comigo, por todas as graças alcançadas. A vida não é fácil, mas, quando estamos perto de Deus, a esperança sempre se renova, a força sempre vem!”
Caroline Dias dos Reis

“Diversas vezes, recebi o convite de uma querida amiga para fazer o retiro da Pastoral Jovem e, diversas vezes, recusei, mas, por algum motivo, resolvi aceitar o último, e pensei: o que teria a perder? Preenchi minha ficha de inscrição e, no dia 17 de outubro, lá estaria eu, sem saber que teria tantos mares para descobrir e desbravar! Foram três dias abençoados e recheados do amor Deus, amor esse que pôde ser sentido (e vivido) a cada oração feita, palestra assistida, refeição realizada, testemunho dado, graça alcançada,

música cantada, lembrancinha recebida, enfim, em todos os momentos e nos mínimos detalhes! Tenho certeza de que todos que estavam lá presentes, retirantes ou trabalhadores, foram de alguma forma tocados e voltaram para suas casas transbordando esse generoso amor. Portanto, agora deixemos o Senhor nos guiar para onde Lhe aprouver, calemos nossos corações para ouvir o que Deus quer, e que nossos barcos soltos pelo mar sejam levados para onde o vento do Senhor levar!

Vanessa Sodré



FESTA DE NOSSA SENHORA APARECIDA

Neste ano de 2014, o dia de Nossa Senhora Aparecida foi celebrado num domingo, 12 de outubro. A festa é tão importante que substitui a liturgia dominical. A celebração contou com um dia inteiro de eventos na Esplanada dos Ministérios, com brinquedos infláveis e missa para as crianças, celebrada pelo Monsenhor Marcony, Bispo auxiliar de Brasília, coroação, terço, a missa para os fiéis, presidida pelo Arcebispo Dom Sergio da Rocha e concelebrada por todo o clero da Arquidiocese, e a tradicional procissão, com velas e bênçãos. Foi um momento de grande comunhão e alegria para toda a comunidade católica da cidade.

Agenda de Novembro

23 DOMINGO

Crianças da Catequese receberão a Primeira Comunhão Eucarística na missa das 9h30. Todos estão convidados à participar da missa!

28 SEXTA

Missa da Saúde, com bênção e Unção dos Enfermos. Mais informações com a Pastoral da Saúde: 8120-2851 (Irene)

toda QUINTA

Venha participar do Grupo de Oração da Renovação Carismática Católica. Das 20h às 22h, no salão de festas ao lado do auditório.

Paróquia Nossa Senhora da Esperança

EQN 307/308 s/n, Asa Norte, Brasília - DF
CEP70746-400 - Fone: (61)3273-2255

Missas: Segunda, Terça, Quinta, Sexta e Sábado - 19h | Quarta - 07h | Domingo - 07h30, 9h30 e 19h

Secretaria: Seg - 14h às 19h | Ter, Qui e Sex - 09h às 12h e 14h às 19h | Quarta - 07h30 às 12h e 14h às 17h
Sábado - 09h às 13h

Confissões Terça e Quinta - 17h às 18h30 | Quarta - 10h às 12h | Sexta - 16h às 18h30

Kerigma - Edição Novembro

Produção: Pastoral da Comunicação

Expediente

Fale com a PASCOM: pascom@pnse.com.br